

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Quarup: uma alegoria do Brasil.

Mires Batista Bender¹

RESUMO: O romance *Quarup*, publicado no auge da ditadura militar, apresenta, através do ponto de vista das personagens, diversas teorias sobre o Brasil e os movimentos sociais ocorridos no País num período de aproximadamente dez anos, iniciando na década de 1950 e alcançando o ano de 1964. Discussões sobre o conturbado momento político brasileiro, a influência estrangeira, a questão indígena, o surgimento dos sindicatos de trabalhadores rurais no Brasil, o método de ensino criado por Paulo Freire, a implantação de um projeto das esquerdas que promoveria igualdade social e valorização do homem, e a derrubada deste projeto pelo do “milagre brasileiro”, revelando uma polarização entre esquerda e direita política, dão mostra da diversidade de temas abordados nesta obra. O romance, ora apresenta o “psicodelismo” das paisagens urbanas do Rio de Janeiro, ora debate o engajamento político em cenários de Pernambuco, ou transporta o leitor para a exuberância das terras do Xingu, na selva brasileira. Ficcionalizando fatos históricos enquanto discute a identidade nacional, *Quarup* constitui matéria importante ao estudo da formação da narrativa brasileira e das tensões entre a forma literária e a dinâmica social. Este ensaio pretende apreciar esses aspectos da narrativa de Antonio Callado buscando identificar a que Brasil ela alude.

Palavras-chave: Literatura; Romance; Formação; Sociedade; História.

Tanto para estudar um anfíbio como para descrever um som, o método adequado é aquele usado pelos praticantes da pesquisa biológica contemporânea: “exame cuidadoso e direto da matéria e contínua comparação de uma lâmina ou espécime com outra”. Essa afirmação de Ezra Pound remete à declaração dada por Antonio Candido na análise que faz sobre *O cortiço*, de Aloísio de Azevedo, onde diz que cada obra literária encerra um mundo em si, e, se quisermos pesquisar os motivos que a fazem ser como é, o “lugar” mais indicado é ela mesma. A obra guarda todas as respostas – ou indagações – que nos levarão a desvendá-la, e ao olharmos para o objeto, com a atenção do biologista, perceberemos o mundo a que ela alude.

¹ Doutoranda em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e Mestre em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail para contato: mires@benderbeer.com.br

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Pound ilustra sua assertiva com uma parábola na qual conta a história de um professor que incita um estudante de pós-graduação a descrever um peixe muito comum e o faz repetir o trabalho até que ele tenha, forçosamente, de apurar sua visão a ponto de decifrar mais sobre o animal do que a princípio lhe revelara sua aparência ou classificação científica. “No fim de três semanas o peixe se encontrava em adiantado estado de decomposição, mas o estudante sabia alguma coisa a seu respeito” (POUND s/d, p. 23). Antonio Candido vê a obra literária como um “processo” em que a realidade é reordenada, transformada, até fazer surgir um mundo. Olhar criticamente é rastrear dentro dela o material que a compõe até o ponto de captar o produto da criação daquele novo mundo (CANDIDO, 2004, p. 105-106). Na *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido estuda as obras que compõem o sistema literário nacional, inseridas no período em que manifestam a sua representação da alma de um povo que também está se formando. Segundo Roberto Schwarz, uma dimensão forte do processo formativo é “trazer para dentro da imaginação o conjunto das formas sociais que organizam o território”, tornando-as passíveis de serem debatidas ou criticadas (SCHWARZ, 1999, p. 53).

O romance *Quarup*, publicado por Antonio Callado em 1967, apresenta uma reflexão sobre o Brasil daquele momento, conforme é visto pelas diversas personagens que desfilam na narrativa, e a sua idealização em busca do país que desejam formar. Dentro da proposta crítica de Antonio Candido, que inclui “escolher um dos momentos deste processo como plataforma de observação”, este ensaio pretende olhar para o romance de Callado procurando perceber qual é a alegoria de Brasil ali representada.

Tratando de temas como o surgimento dos sindicatos de trabalhadores rurais no Brasil, a criação das Ligas Camponesas e a eclosão dos movimentos de cultura popular, a trama se desenrola num período que compreende o segundo governo de Getúlio Vargas, então eleito pelo voto direto, passando por Juscelino Kubitschek e pela breve estada de Jânio Quadros na presidência, até o governo de João Goulart, abruptamente interrompido pelo golpe militar de 1964 e o estabelecimento da ditadura no País. As proposições de Callado a respeito da busca

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

por uma identidade nacional, as discussões sobre a influência estrangeira e a implantação de um projeto das esquerdas que promoveria a igualdade social e a valorização do homem, dão o tom da diversidade de temas abordados na obra que passeia pelas paisagens urbanas de Pernambuco e do Rio de Janeiro, e também apresenta a variedade e exuberância das terras do Xingu, na selva brasileira. Nesse contexto as diversas interpretações de Brasil que suas personagens oferecem no contato com o protagonista vão evidenciar a sua percepção da situação do País e da condição do índio, abrindo caminhos para a reflexão sobre uma organização do território brasileiro, apresentada na forma do romance.

Quarup conta a história do padre Nando e sua jornada em busca do centro geográfico do Brasil, onde tenciona fundar um novo começo histórico para o País, baseado em princípios morais em que o homem possa restabelecer seus vínculos com o divino. Seu modelo é a República dos Guaranis, fundada pelos Jesuítas no Rio Grande do Sul, uma república cristã-comunista que durou século e meio, a partir do século XVII. Nando entende que só a partir da pureza do índio será possível resgatar aquele tempo em que a igreja, segundo seu ponto de vista, organizou as tribos indígenas tornando-as mais fortes, e os Jesuítas “aceleraram a evolução da espécie” (CALLADO, 1984, p. 30). Várias mudanças irão ocorrer nos projetos de Nando durante a viagem, assim como em sua maneira de encarar os fatos da vida. Ele irá abandonar o sacerdócio, conhecer o sexo e as drogas, até que, desenganado de seu sagrado projeto original, voltará a Pernambuco, seu estado de origem, para se unir às guerrilhas para a luta armada.

É uma obra representativa da literatura engajada de meados da década de 1960 – período denominado por Elio Gáspari como “ditadura envergonhada”, em que a restrição imposta pelo governo militar pós 64 ainda não alcançara os espaços da arte com a força que assumiria em 1969 – *Quarup* estabelece constante comunicação entre a realidade dos fatos e a ficção, fazendo a reprodução de um momento histórico que, por conta da censura imposta aos documentos oficiais daquele período, só a literatura parecia poder salvar do esquecimento. Assim como o romance de Callado, muitas obras lançadas neste período marcam a crítica ao regime.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Entre os principais romances, *Pessach: a travessia* de Carlos Heitor Cony publicado em 1967, onde conhecemos a trajetória de Paulo Simões, um escritor politicamente alienado até aos quarenta anos de idade, quando então conhece a guerrilheira Vera, por quem se apaixona, e acaba sendo levado, ainda que contra sua vontade, a ajudar um grupo de guerrilheiros. A morte de Vera, num choque com os militares, leva Paulo a juntar-se ao movimento de guerrilha, mesmo caminho tomado por Nando. Também em 67, Érico Veríssimo lança *Senhor embaixador*, cuja ação se desenvolve paralelamente na capital americana e na pequena república de Sacramento e conta a luta de Pablo Ortega, um intelectual revolucionário, em meio às tendências extremadas tanto da esquerda como da ditadura de direita implantada em Sacramento. Apesar de toda a ambigüidade presente, Pablo faz opção por permanecer na luta. Diferente de Callado e de Veríssimo, Cony traz uma visão algo pessimista, que leva o leitor a profetizar uma derrota nas ações caóticas do grupo guerrilheiro. Já em *Quarup* permanece ao final do romance, com a adesão de Nando à luta armada, uma idéia de que, efetivamente ali, começam a ser encaminhadas as soluções buscadas pelos revolucionários.

O surgimento de *Quarup* marca um período fértil em produção cultural no Brasil que, até a censura imposta pelo “Ato Institucional número 5”, é protagonizada pelos intelectuais da esquerda, sendo farta e de alta qualidade. Conforme sinaliza Roberto Schwarz no seu ensaio “Cultura e política, 1964-1969”, “para surpresa de todos, a presença cultural da esquerda não foi liquidada naquela data” (SCHWARZ, 1992, p. 89). No mesmo ano de 1967, estréia o filme de Glauber Rocha, *Terra em transe*, a peça de Oswald de Andrade, *O rei da vela* e a música de Caetano Veloso, *Alegria, alegria*, que inaugura o Tropicalismo, no festival Record de Música. A esquerda intelectualizada estava a procura de um elo entre a arte e o povo, surgindo então diversas manifestações no campo das artes: o cinema novo, trazendo a idéia da estética da fome com desenvolvimento cultural e social unidos, mostra o presente real da vida dos brasileiros, revisto e usado para alcançar a arte moderna. O Grupo Opinião apresenta a reação ao golpe através da música. Os shows promovidos pelo grupo dão lugar aos primeiros movimentos de protesto e promovem o conagraçamento entre palco e platéia. Seu Projeto visa cha-

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

mar o público a construir uma opinião própria e independente. O Tropicalismo expõe as contradições do Brasil e exige uma visão nova, crítica e transformadora. É uma imagem atemporal que denuncia o atraso através do uso da tecnologia. Declara que toda pobreza é igualmente importante, mesmo a intelectual, e que o desenvolvimento cultural deve se dar unindo o tecnológico ao arcaizante. O Teatro de Arena inaugura a vanguarda no teatro, propondo a transformação da forma e a alteração do lugar social no palco, conciliação de arte e vida como apresentada pelo “racionalismo crítico” de Brecht. O teatro mostra interesse pela luta de classes e tem a simpatia do público. O Teatro Oficina de Zé Celso Martinez Correa, seguindo a linha do “irracionalismo incandescente” de Arthaud, atua através da agressão e do escândalo, quer confrontar o público e fazê-lo ver “o que ele realmente é”, medíocre, pequeno-burguês e sem ação, para assim, levá-lo a se posicionar e compreender a necessidade da iniciativa individual. Todos esses ingredientes são temperados pelas atividades do movimento estudantil no auge de sua representatividade. Os militares pressionam por silêncio e a esquerda pressiona por luta armada. No meio, como o marisco entre a rocha e a onda, o intelectual assume a crise e toma posicionamento. A forma literária, exercendo sua vocação de expressão da sociedade traduz este comportamento, que é apresentado no romance de Callado através do encaminhamento do destino guerrilheiro de Nando.

Padre Nando surge, no início da narrativa, profundamente ligado aos dogmas da igreja católica, como uma referência ao nascimento da própria nação brasileira, numa caracterização barroca do início da formação do novo País. Emblemática da situação do País, a trajetória de Nando reflete as transformações vividas pela nação durante sua caminhada histórica e todas as mudanças que Nando vai absorvendo podem ser lidas como o processo de amadurecimento por que passa a consciência nacional. No momento em que o protagonista está engajado na conquista do novo Brasil revela-se um país otimista, idealista, que vê saídas para a sua evolução como povo, assim como o gesto de superar a inação e empreender a jornada em busca de novos rumos reproduz a disposição para a luta que caracterizava o Brasil no período da deflagração das reformas de base, dos movimentos culturais e da luta de classes. O título

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

do romance é tomado do ritual ancestral dos índios do alto Xingu, que retoma o tempo da criação da vida através da homenagem aos mortos em um rito de ressurreição e sintetiza o eterno recomeço tornando-se uma celebração à vida. Neste sentido, a festa do quarup, de que participa, funciona como uma metáfora do rito de passagem na vida de Nando, pois ele mesmo irá renascer por meio da sua viagem de busca ao começo da nação que deseja construir.

A abertura do romance mostra Nando mergulhado em suas meditações no ossuário do mosteiro diante dos restos mortais dos padres franciscanos. Sua atitude alienante no momento em que acontecem as perseguições aos trabalhadores organizados em Pernambuco e o seu despreparo para lidar com o lado pragmático dessas questões, serão contrapostos à postura de Levindo, jovem revolucionário que Nando surpreenderá dentro do ossuário, escondendo-se após ser baleado por um usineiro. O padre fica chocado com a presença de Levindo em local sagrado, enquanto olha desalentado “a mancha de sangue no marfim ilustre da caveira franciscana. Uma profanação, o episódio de loucura e violência vindo desaguar no ossuário” (CALLADO, 1984, p. 11-12). Para Levindo, a violência faz parte do seu cotidiano de trabalhador explorado e sem proteção. Os ideais de luta por transformações sociais que Levindo carrega irão acabar influenciando o padre Nando ao ponto de determinarem a sua movimentação e transformação ao longo do romance.

Os ingleses Leslie e Winifred, com quem Nando vem a travar um estreito relacionamento, são pesquisadores que pretendem descobrir nas raízes do Brasil uma qualidade que una brasileiros e holandeses e assim explique a disposição dos primeiros para a luta. Winifred está interessada também na atitude do brasileiro em relação à mulher. Sua personagem trará para a discussão a inexpressividade do espaço ocupado pelas figuras femininas, as quais estão fora das atividades revolucionárias, numa crítica recorrentemente feita ao modelo de revolução das esquerdas brasileiras. A visão que Nando tem das mulheres é idealizada e se projeta na figura de Francisca, jovem burguesa, noiva de Levindo, por quem se apaixona. A presença da jovem artista no ossuário, trabalhando na reprodução das pinturas

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

com cenas do claustro de santa Tereza de Jesus, mística espanhola do século XVI, faz com que Nando associe sua imagem à da santa carmelita. Para evitar que Francisca acompanhe Levindo em suas lutas pelos camponeses ela é mandada para a Europa por seus pais. O afastamento dela põe em suspenso um profundo sentimento, até ali, apenas manifesto em Nando. Depois da morte de Levindo (pela polícia durante uma manifestação), o relacionamento entre Nando e Francisca deixará de ser “platônico”.

O Brasil que está além dos muros do mosteiro, Nando conhecerá ao visitar os engenhos, conduzido pelo casal de ingleses. Lá tomará contato com as lutas diárias dos trabalhadores sem qualquer amparo social, que contam apenas com a exploração do usineiro e a total abstenção da igreja. Nando é, ele mesmo, símbolo desta omissão, pois, fechado no mosteiro, desconhece a vida dos cidadãos de sua comunidade. Os camponeses estão representados na figura de Maria do Egito que foi estuprada pelo capataz e jurada de morte pelo pai, caso estivesse grávida. A esses, marginalizados pelo estado e esquecidos pela igreja, resta o braço das Ligas Camponesas e dos sindicatos. Januário, companheiro de Levindo, é quem orienta e organiza os trabalhadores. “Essa gente a quem nem o estado nem a igreja jamais deram alguma coisa, está sendo trabalhada pela Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores, que é em grande parte obra de Januário”. (CALLADO, 1984, p. 37). As iniciativas do então prefeito Miguel Arraes (personagem histórica, preservada no romance), que começa a olhar para os camponeses, são comentadas por Leslie: “A sociedade se arregimentou para apoiarem com um desfile a candidatura de um prefeito que promete socorrer os camponeses. Pois os camponeses desceram e foram dispersos aos trancos e coronhadas pela polícia [...] Os jornais deram linhas ao caso” (sic.) (CALLADO, 1984, p. 37).

Nando está afastado dos problemas dos trabalhadores, sua fixação é criar o programa das missões Guaranis e levar o cristianismo aos índios do Xingu, mas a inatividade o atinge também neste ponto, pois receia quebrar o celibato uma vez em contato com a espontaneidade das jovens indígenas. Será salvo da imobilidade por Winifred, que o desvirginará, libertando-o do medo das mulheres. Agora ele está pronto para partir em busca de seu projeto de Brasil.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

O primeiro movimento que Nando faz em busca desse novo país, que pretende inaugurar a partir do trabalho com os índios, é viajar para o Rio de Janeiro, onde estabelecerá contato, no Serviço de Proteção ao Índio, com seu diretor, Ramiro Castanho, que o iniciará nas drogas e também lhe oferecerá novas teorizações sobre o Brasil.

O mundo da burguesia a que Nando é apresentado logo que chega ao Rio de Janeiro é composto de altos funcionários do governo, jornalistas e algumas beldades que, tomados pelo tédio das facilidades e privilégios a eles concedidos, afundam-se cada vez mais num terreno de bem-estar artificial e apatia, que os desliga dos problemas da realidade nacional. Seus dias e noites serão envolvidos em uma bruma de entorpecimento, basicamente trazido pelo consumo de éter e álcool, que comandam as suas festas e reuniões sociais. Ao mergulhar naquele estado de alucinações, Nando dá a impressão de que será levado numa corrente alienante e abandonará seu objetivo primeiro. Porém, entre o grupo que circula nestas festas, Nando conhece Otávio Cisneiros, “ex-comunista” que “foi da Coluna Prestes” e que “andou até metido na intentona de 1935” (CALLADO, 1984, p. 104), e que surge como representante da austeridade atribuída aos integrantes do partido comunista brasileiro daquele período. É Otávio quem, irrompendo “circunspecto e grave” no apartamento de Ramiro durante uma dessas festas, irá interromper os delírios de éter de Nando e retirá-lo daquele ambiente, acompanhando-o até a saída do prédio e, “conduzindo-o pelo elevador até a rua, que é o plano da realidade”. No estudo que desenvolve sobre a narrativa de Quarup, Édison José da Costa (1988, p. 67-70) interpreta este gesto de Otávio como o restabelecimento do senso de responsabilidade e engajamento do protagonista, pois interrompendo a sua viagem alucinante e trazendo-o, assim como a todo o grupo, de volta à realidade, Otávio resgatará Nando destas águas “reintroduzindo-o no tempo descolorido da violência e da repressão”.

À figura sóbria de Otávio contrapõe-se a atitude *dândi* de Ramiro Castanho. Porém, é Ramiro quem tem trânsito com a elite dirigente do País e pode ajudar a viabilizar o projeto de Nando ir trabalhar com indígenas. Desligado ideologicamente da visão que Nando tem dos índios, Ramiro quer instalar uma rede de farmácias no Xingu, pois para ele esta é a forma de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

ajudar os índios: curar-lhes as doenças. Formado em farmacologia e filho de médico, Ramiro vê todo o Brasil como um grande hospital e, numa visão paternalista, quer resolver o País usando seus remédios que ele coleciona aos milhares, conhecedor que é de drogas lícitas ou não. Marcadamente paradigmática da forma de pensamento da burguesia brasileira deste período é a fixação de Ramiro pela cultura européia. francófilo convicto, ao contrário dos grupos que pretendiam libertar o País de toda a influência internacional para que se instituisse uma cultura nacional genuína, Ramiro era partidário do “afrancesamento” do Brasil. Num rompante de defesa de suas teses, diz a Nando: “Você sabe [...] por que é que esta joça brasileira, ainda que mergulhe o nariz num oceano de éter, jamais se desjoçará?” Nando retruca, afirmando que, para ele, o Brasil ainda desjoça, “mas diga lá”. “– Porque nós deixamos de seguir a França” responde Ramiro. “Para a raça latina, foi a França que resolveu a parada”. Sua única restrição é ao domínio americano: “Buscar outro caminho é que foi a loucura. [...] Pegamos andando o bonde do American way of life. Viramos uma civilização pingente” (CALLADO, 1984, p. 132-133). Ramiro faz oposição ao ideal de Nando de recriar a nação brasileira partindo da cultura indígena, preservada em suas origens e princípios. Nando traduz o pensamento dos intelectuais brasileiros anteriores a 64, os quais, conforme pontua Roberto Schwarz em “Nacional por subtração”, estavam engajados na busca de uma cultura de fundo genuinamente nacional, que passava por uma economia nacional sem misturas:

Reinava um estado de espírito combativo, segundo o qual o progresso resultaria de uma espécie de reconquista, ou melhor, da expulsão dos invasores. Rechaçado o imperialismo, neutralizadas as formas mercantis e industriais de cultura que lhe correspondiam, e afastada a parte antinacional da burguesia, aliada do primeiro, estaria tudo pronto para que desabrochasse a cultura nacional verdadeira” (SCHWARZ, 1987, p. 96).

Nesse ponto instala-se uma perspectiva de análise do quadro social brasileiro que diz da eterna oscilação dos brasileiros entre culturas importadas, na dialética entre o local e o cosmopolita de que falou Antonio Candido, e que põe à mostra a alma de um povo cuja formação ainda não atingiu o ponto da independência e da integração. Representante da elite

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

urbana que vive entre duas realidades e oscila entre dois níveis de cultura (civilização e primitivismo), Ramiro é o intelectual brasileiro que procura identificar suas origens na tradição européia, mas que “se encontra todavia ante particularidades de meio, raça e história, nem sempre correspondentes aos padrões europeus que a educação lhe propõe”, configurando-se um quadro de grandes divergências e dualidades (CANDIDO, 2000, p.101-102).

O tema da procura pela identidade nacional é realçado na figura do folclorista Lauro, que vê na essencialização do conceito de raça a idéia fundamental para encontrar os rumos da nação brasileira. Ele rejeita a prerrogativa naturalista da existência de uma sub-raça, de natureza mais débil e fadada ao fracasso, e chega a extrapolar o avanço modernista desta teoria, que em *Macunaíma*, de Mário de Andrade, preconiza que o brasileiro, por não apresentar um caráter definitivo, está em constante transformação e evolução. Para Lauro, a superioridade da raça brasileira é um fato, pois vê no mulato o detentor da sabedoria de todas as raças que o formam e no índio a porção de bravura que conduzirá o mulato ao seu destino de líder mundial. Quando Nando declara perceber concordância entre as idéias de Lauro e Ramiro, no sentido de rejeitarem as influências norte-americanas, Lauro protesta dizendo não haver a menor semelhança entre as duas posições:

Ramiro queria um Brasil afrancesado, engalicado. Eu quero um Brasil brasileiro de verdade, liderando o mundo, um Brasil nosso, mulato. Nossa existência ocorre fora de nós mesmos. Somos alienados, como dizem os comunas. De Pedro II a Marta Rocha vivemos embebidos na contemplação de caras estrangeiras. Precisamos de mulatas em nossos selos, nos monumentos públicos, nas notas de dinheiro. [...] Iremos do centro para a periferia [...] limpando o país de gringos em círculos concêntricos (CALLADO, 1984, p. 305-307).

Numa tentativa de resgatar valores primordiais da cultura popular, Lauro recorre às lendas e fábulas nativas para, com sua aplicação prática, remar contra a “maré internacionalizante” (para emprestar a expressão de Paulo Arantes, 1992, p. 32), que, segundo ele, é a desgraça do Brasil. Mais um ingrediente da dualidade que compõe a sociedade brasileira, a qual carrega o conteúdo arcaizante para criar o moderno, o novo País, pois o

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

autêntico está no antigo, na raiz popular. Na visão de Lauro, “basta copiar a fábula” (CALLADO, 1984, p. 294). Na interpretação de Paulo Arantes, “uma conjunção esdrúxula”, mais um caso de dualidade crônica, ou de duplo critério: “Num momento conta unicamente o metro internacional que nos diminui e rebaixa, noutro vale o apego sentimental à profundidade histórica do traço localista que desacredita a pretensa superioridade do padrão cosmopolita” (ARANTES, 1992, p. 33).

Apesar de inconformista, a posição de Lauro diante dos desígnios de seu País é carregada de otimismo. Ele julga claro que aplicando as lições tomadas dos heróis das lendas, que possuem a “astúcia dos mais fracos”, será possível “nos superarmos e derrotarmos os fortes” (CALLADO, 1984, p. 293). Em oposição a esta visão está a de Fontoura, o indianista que coaduna com as idéias de Nando sobre a pureza e inocência dos povos indígenas, porém não acredita em recomeço para a nação brasileira mesmo através deles. Seu único interesse, pelo qual aceitou o trabalho no Xingu, é proteger e preservar o índio. Sua solução para o Brasil passa por mártires e mortes. Fontoura encarna a desilusão de parte dos intelectuais brasileiros para quem não é mais possível superar sua revolta contra os rumos da política nacional. Principalmente no que concerne ao abandono e desrespeito das autoridades com relação aos povos indígenas, sua visão é marcada pelo pessimismo. Sua morte, deitado sobre o enorme formigueiro que sinaliza o centro geográfico do País, é emblemática da desesperança neste novo começo do Brasil, tomado pelas saúvas².

Ramiro, Lauro e Fontoura fazem parte do grupo que empreende a viagem com Nando para o Xingu. Mais tarde virão ainda Falua, o jornalista e Gouveia, ministro de estado. Com eles reúnem-se também Lídia, sobrinha de Ramiro, e logo depois Vanda, duas amigas com quem Nando vive novas e reveladoras experiências sexuais. O aprendizado que essas descobertas lhe proporcionam, juntamente com a emoção do contato com as terras do Xingu e dos índios ameaçados de extinção pelo avanço dos brancos e de suas doenças, levam Nando a

² Também em *Macunaima*, de Mário de Andrade, já aparecera a imagem das formigas representando um problema para a nação: “nos demos ao trabalho de metrificarmos um dístico, em que se encerram os segredos de tanta desgraça: ‘POUCA SAÚDE E MUITA SAÚVA, OS MALES DO BRASIL SÃO’” (ANDRADE, 1981, p. 65).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

se definir pelas mudanças que deseja proceder em sua vida, começando por abandonar a batina. O contato com a natureza selvagem será fértil em oportunizar descobertas ao grupo que visita o Xingu. Sônia Dimitrovna, a namorada de Falua que está sendo cobiçada por Gouveia, e por quem Ramiro é obcecado, irá protagonizar um acontecimento marcante na vida de todo o grupo ali reunido ao resolver unir-se ao índio Anta, partindo com ele para viverem sua pureza e nudez na floresta. Sua opção por abandonar todas as comodidades e pressões da vida urbana e se integrar definitivamente à natureza põe em xeque a auto estima e as convicções daqueles homens que praticavam um jogo particular de poder, disputando sua posse. Ao mesmo tempo, sua atitude realça a opção de integração entre o homem e a natureza, como a solução natural aos impasses de uma sociedade decadente e conflitada. É o único momento do romance em que o narrador onisciente abandona a trajetória do protagonista para contar a história de Sônia e sua evasão pela floresta. A fuga de Sônia acontece durante o ritual sagrado do quarup, realizado pelos índios, e no mesmo trágico instante em que o grupo, em choque, recebe a notícia do suicídio do presidente Getúlio Vargas. Os acontecimentos são narrados no estilo de Eisenstein³, com tomadas das impressões e emoções que dominavam cada um dos integrantes do grupo enquanto desenrolavam-se as lutas e danças dos índios, e Sônia placidamente tomava pela mão o rumo da própria história ignorando os avisos e os chamados e entrava no mato com o seu índio. Sônia encontra no amor de Anta sua verdadeira identificação com a terra, natural e primitiva, que a libertará das relações de dominação a que estava atrelada, apesar dos protestos de Falua e Gouveia e do total desatino de Ramiro que irá procurar por ela até o final da narrativa.

Sete anos depois do início de sua história, Nando reencontrará Francisca – seu ideal de amor –, que se junta ao grupo no Xingu para seguirem sua busca pelo centro geográfico, espécie de pólo emblemático onde se refugia o espírito da nacionalidade almejada por eles. A

³ Sergei Eisenstein (1898-1949). Considerado o mais importante cineasta soviético, relacionado ao movimento de arte de vanguarda russa, participou ativamente da revolução de 1917 e da consolidação do cinema como meio de expressão artística. Criou uma técnica de montagem chamada Intelectual ou Dialética a qual propunha o conflito-justaposição de planos significativos paralelos. Utilizava montagens ideográficas em suas tomadas de cena, as quais estabeleciam um jogo de inter-relações entre as imagens enquanto permitia que todas mantivessem seu valor original. Haroldo de Campos (org.), 1994, p.158-160.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

presença de Francisca vai reavivar no coração de Nando sua admiração pelo trabalho de Levindo e inspirá-lo para encontrar seu próprio caminho, principalmente porque a ida dela ao centro geográfico materializa o sonho de Levindo e é a realização de compromisso assumido com ele. Esta viagem pode ser vista como o próprio quarup de Nando, pois como numa cerimônia do ritual indígena, ele irá viver a sua iniciação, que inclui a “morte” daquele padre inativo e desligado dos problemas da sua comunidade para o surgimento do ativista que pegará em armas para defender seu projeto de revolucionar seu país. Pensando no caráter errático do nosso herói, no simbolismo que essa viagem carrega e na profunda mudança que desencadeia nos destinos do padre Nando, seria possível estabelecer um paralelo entre o protagonista e o herói de Vladimir Propp – teórico fundador dos conceitos da narrativa moderna – na medida em que Nando supera sua interdição inicial e desloca-se entre dois espaços geográficos em busca do objeto da sua redenção, sendo seu regresso ao primeiro “reino”, marcado por perseguição e dor, onde ele será compelido a reiniciar sua busca. Porém o mundo que Propp desenha é ordenado e harmonioso demais para os padrões deste herói brasileiro. Para o caso de Nando torna-se precário seguir o padrão estabelecido na Morfologia do Conto de Propp, porque o retorno do herói ao espaço do doador não trará o restabelecimento da ordem pelo que lutou e seu sonho não se configurará. Não haverá o reconhecimento do herói como salvador, o malfeitor não será castigado e não lhe será concedida a posse do trono e a mão da princesa⁴. No mundo desencantado das aventuras de

⁴ Respeitadas as proporções na forma do romance, mas considerando a trajetória de Nando como uma história a ser contada, vamos analisar o que segue: as funções do conto maravilhoso somam trinta e uma. Algumas delas: os contos principiam por uma *exposição* de uma *situação inicial*, que não se caracteriza como uma função, mas constitui um elemento morfológico importante (as reflexões de pe. Nando no Ossuário). Em seguida, principiam as funções: II) Ao herói impõe-se uma interdição. III) A interdição é transgredida. (Nando não deve ceder à tentação da carne e o faz). X) O herói-que-demanda aceita ou decide agir. (Nando decide viajar e embarca para o Rio). XI) O herói deixa a casa. XII) O herói passa por uma prova, que o prepara para o recebimento de um objeto ou de um auxiliar mágico (a experiência com as drogas). XV) O herói é transportado, conduzido para perto do local onde se encontra o objetivo de sua demanda (viagem para o Xingu). XVIII) O agressor é vencido. XIX) A malfeitoria inicial ou a falta são reparados. XX) O herói volta. XXI) O herói é perseguido. XXII) O herói é socorrido (Nando é perseguido e agredido por policiais, seus amigos o socorrem). XXVII) O herói é reconhecido. XXVIII) O mau é desmascarado. XXX) O falso herói ou o agressor é punido. XXXI) O herói casa-se e sobe ao trono (Propp, 1984, p. 32-60).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

Nando, essa experiência resulta inviabilizada. Conforme explica Franco Moretti, ao herói moderno não é mais concedido viver o trajeto do conto maravilhoso, pois naquela forma axiológica havia dois mundos muito bem definidos e territórios polarizados onde se conhecia a morada do bem e do mal, ao passo que nos nossos dias “o conhecimento transformou o mundo de um sistema de territórios morais bem demarcados em uma geografia complicada” (MORETTI, 2003, p. 83). Na geografia de *Quarup*, o herói ainda se desloca de seu lugar, Pernambuco, buscando realizar o feito que lhe proporcionará a harmonia ao encontrar o centro idealizado do país para promover o recomeço de sua história. No entanto, naquele novo reino nada lhe é assegurado e ao alcançar seu destino pode se deparar apenas com a constatação de que a resposta está em outro lugar. Chegando ao centro geográfico, tudo o que Nando e seus companheiros de viagem encontram é um imenso formigueiro, onde nem mesmo a bandeira do Brasil pôde ser hasteada, mas se o terreno oferecesse sustentação para hasteá-la, ainda não se realizaria este objetivo, pois ela fora esquecida. Os integrantes da expedição que buscavam um novo começo para o Brasil estavam muito ligados aos seus projetos pessoais para lembrarem de transportar o seu símbolo, ou, talvez, sinalizavam com este ato, que o seu verdadeiro lugar não era ali. Como o de Nando, o lugar da bandeira brasileira deveria ser aquele entre os trabalhadores das Ligas.

De volta a Pernambuco, Nando vai encontrar Francisca na sua nova missão, o trabalho a que se dedicou, de alfabetização dos camponeses. O quinto capítulo do romance de Callado abre com uma aula em que os alunos, todos adultos, aprendem a língua através do revolucionário método de Paulo Freire. Essa iniciativa de educação da população faz parte de um conjunto de atividades do MPC, Movimento Cultural Popular, fundado em maio de 1960, pelo então prefeito do Recife, Miguel Arraes. Agregando diversos projetos que visavam trazer inclusão à população privada do acesso aos meios de comunicação e à educação, este projeto se constituiu uma iniciativa pioneira, diferente de tudo o que havia sido tentado no Brasil. O movimento atuou por meio do teatro, do cinema, das artes plásticas, do artesanato, do canto, da dança e da música populares, porém, talvez a sua mais efetiva revolução tivesse lugar na

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

educação, através da alfabetização dos camponeses. O método de ensino criado por Paulo Freire visava não só ensinar o homem a identificar as palavras de sua língua, mas também a reconhecer seu mundo através delas, passando daí a perceber a própria realidade e a ser parte ativa da sua história. Só assim poderia passar de sujeito a objeto de sua transformação, estabelecendo uma postura crítica em relação à sua realidade social e ampliando o debate sobre a problemática nacional. “Numa aula dada pelo sistema Paulo Freire um lavrador juntou pela primeira vez duas sílabas, ti e to, e bradou: Tito é nome de gente e o papel que a gente vota!” (título). Este relato é trazido por Antonio Callado no livro que reúne uma série de reportagens jornalísticas realizadas por ele em Pernambuco entre dezembro de 1963 e janeiro de 1964, intitulado *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*. Callado ressalta que, antes de simplesmente transformar o cidadão analfabeto em alguém capaz de votar, o governo de Miguel Arraes pretendia, com essa iniciativa, habilitá-lo para conquistar seu poder de voto. Aquele lavrador “tinha pescado ao mesmo tempo, do meio do *letrume*, um ser humano e sua carta de alforria na mão. Um retrato do Brasil possível e futuro” (CALLADO, 1979, p. 150). Em “Cultura e política”, Roberto Schwarz faz a síntese do que representou esta experiência:

Este método, muito bem sucedido na prática, não concebe a leitura como uma técnica indiferente, mas como força no jogo da dominação social. Em conseqüência procura acoplar o acesso do camponês à palavra escrita com a consciência de sua situação política. Os professores, que eram estudantes, iam às comunidades rurais, e a partir da experiência viva dos moradores alinhavam assuntos e palavras-chave – “palavras geradoras”, na terminologia de P. Freire – que serviriam simultaneamente para discussão e alfabetização. Em lugar de aprender humilhado, aos trinta anos de idade, que o vovô vê a uva, o trabalhador rural entrava, de um mesmo passo, no mundo das letras e no dos sindicatos, da constituição, da reforma agrária, em suma dos seus interesses históricos (SCHWARZ, 1992, p. 68-69).

É com profunda emoção que Nando assiste à aula de Francisca e presencia a força transformadora da palavra ampliando a percepção daqueles homens e preparando-os para a sua efetiva participação na história nacional. O contato direto com aquela gente simples, sem assistência governamental e sem informação suficiente para sequer escrever o próprio nome, despertará em Nando, um homem com conhecimento e condições filosóficas para pensar o seu País, a disposição para uma atitude que objetivamente leve à transformação daquela

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

situação. De acordo com Antonio Candido (2006, p. 186), “quanto mais o homem livre que pensa se imbuí da realidade trágica do subdesenvolvimento, mais ele se imbuí da aspiração revolucionária”. As palavras agora fazem parte do mundo que aqueles camponeses conhecem e todas as coisas começam a fazer mais sentido no momento em que eles são capazes de nomeá-las. Em voz uníssona, durante as lições de Francisca, irão elaborar construções como “cla”, que se transformará em: “classe clamor – remo, clamo, reclamo”, até chegar a “declaração, constituição” (CALLADO, 1984, p. 383-384). São estas armas, as palavras, que irão usar para defender o governador Miguel Arraes em primeiro de abril, enquanto os militares irrompem nas ruas, em seus tanques. Portando suas canetas-tinteiro e seus rádios transmissores, só as palavras serviram de escudo à superioridade bélica dos oponentes que impunham sua vontade. Lembrando as aulas de Francisca, “lição 74”, um dos camponeses grita: “isso não é democracia, governo do povo?” O soldado, furioso, interpela: “Que é que tu está falando aí?” Ao que o camponês dá o resto da lição: “cra, crê, cri, cro, cru. *Escravo*. Os outros acompanharam diante dos soldados bestificados: “credo, criança, crônica, crua”. O tenente grita que parem com o barulho e ordena que ponham a todos no carro para serem levados à prisão. Os soldados, “por desconhecerem a lição 74”, pensavam loucos aqueles homens que eram levados aos berros: “*DECRETO, CRISE, LUCRO! O BRASIL CRESCE COM CRISES, MAS CRESCE DEMOCRACIA. CRA, CRÊ, CRI, CRO, CRU!*” (CALLADO, 1984, p. 445).

Efetiva-se o golpe militar implantando a ditadura e decretando a derrota das esquerdas e o fracasso da revolução social. Nando, assim como seus companheiros, vai amargar dias de interrogatório e tortura nas prisões federais, onde será levado à presença do Coronel Ibiratinga, representante da corrente mais conservadora do exército brasileiro. A personalidade do seu inquiridor será conhecida em farta exposição que fará durante as conversações com Nando e onde o Coronel se define como um justiceiro “teólogo da nova espécie” e alega que o grande herdeiro do sagrado da igreja é o exército (CALLADO, 1984, p. 472). Para ele, o único defeito do Brasil é não ter levado a termo seus processos de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

inquisição. Prega que “nunca queimamos hereges e infiéis, nunca matamos aqueles que insultam as coisas sagradas” e que, por isso “falta a cinza da virtude em nossos campos”. Entende o instrumento de tortura como uma maneira legítima de subjugar aqueles que “queriam subverter a ordem no Brasil” e assim impedi-lo de ser um país “grande, poderoso e austero” (CALLADO, 1984, p. 449). Do ponto de vista do coronel, Nando, uma pessoa sem profissão definida, ou um agitador profissional, como ele o define, é alguém que não tem direção na vida, a quem faltam objetivos bem delineados, portanto, alguém fora de ordem, suspeito. Durante o interrogatório feito pelo tenente Vidigal, ao ser informado pelo protagonista de que não tem profissão, o investigador declara: “Sua profissão é a de agitador. O coronel concluiu que o senhor se preparou a vida inteira para golpear as instituições. Porque à primeira vista sua vida não tem uma diretriz, uma linha reta” (CALLADO, 1984, p. 454). O perfil de trabalhador sem profissão, de intelectual sem anel, que o interrogatório militar expõe, é uma analogia ao do País “sem nenhum caráter” sem uma estrutura linearmente identificável. E a trajetória de Nando na busca por sua definição ideológica, na qual se apóia toda a narrativa do romance de Callado, é análoga a do Brasil que procura por sua identidade.

Conforme elucidada Antonio Candido, a formação da literatura brasileira sempre compreendeu um empenho que levou os seus escritores a considerarem “a atividade literária como parte do esforço de construção do país livre” (CANDIDO, 1975, v.1, p. 26), daí a presença do tema da identidade nacional ser quase uma obsessão. *Macunaíma*, de Mário de Andrade, um dos textos mais representativos da nossa literatura que persegue a definição de um caráter para o País, é citado por uma personagem de *Quarup*, quando se refere às figuras que nosso povo reconhece como heróis. *NO triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto traz a figura do nacionalista que quer alcançar o puramente nacional através da eliminação de toda e qualquer influência estrangeira, pois vê uma estrutura genuína, apenas no passado pré-colonial. Já em *Memórias sentimentais de João Miramar*⁵, no espelho de uma burguesia

⁵ Em *Brigada ligeira*, publicado em meados de 1945, Antonio Candido diz que Mário de Andrade, em *Macunaíma* e Oswald de Andrade, em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, dão “a contribuição do

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

decadente e ociosa, Oswald de Andrade faz a crítica dos grandes senhores de terras que agora habitam as cidades e sua defesa do padrão: família, tradição e propriedade. O crítico Roberto Schwarz pontua que “em *Quarup*, o romance ideologicamente mais representativo para a intelectualidade de esquerda” do seu tempo, “o itinerário é o oposto”, pois o intelectual abdica de conforto e posição social e vai ao encontro do povo (SCHWARZ, 1992, p. 92).

Conforme fundamenta Auerbach, falando sobre a representação da realidade na literatura ocidental, o romance de Callado promove o “tratamento sério da realidade cotidiana, a ascensão de camadas humanas mais largas e socialmente inferiores à posição de objetos de representação problemático-existencial”, bem como, apresenta o “engarçamento de personagens e acontecimentos cotidianos quaisquer no decurso geral da história contemporânea, do pano de fundo historicamente agitado”, que é, de acordo com o que pontua o teórico, a forma de representação da realidade moderna através do romance (AUERBACH, 2004, p. 440).

Ao contrário de diversos autores que fizeram restrições ao conteúdo, à extensão e à aparente fragmentação de *Quarup*⁶, Antonio Candido (2006, p. 253) preferiu uma apreciação do caráter inovador da obra e de sua importância no cenário da literatura brasileira:

Na ficção, o decênio de 1960 teve algumas manifestações fortes na linha mais ou menos tradicional, de fatura, como os romances de Antonio Callado, que renovou a “literatura participante” com destemor e perícia, tornando-se o primeiro cronista de qualidade do golpe militar em *Quarup* (1967).

Em “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” Walter Benjamin declara que a verdadeira narrativa é aquela que conserva a força de causar espanto e reflexão após muitos anos, ao contrário da informação que “só tem valor no momento em que é nova” (BENJAMIN, 1994, p. 204). Callado une a força da narrativa ao fato histórico e o torna um registro permanente, e capaz de conservar o poder de provocar a reflexão sobre a experiência social brasileira. O narrador de *Quarup*, que ora usa do recurso da terceira pessoa, que é uma

pensamento” e “fazem da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das idéias”. (2004, p. 87-88).

⁶ Um exemplo é o de Nelson Werneck Sodré, que fala da dificuldade em analisar o romance de Callado por se tratar de um livro “gordo, abundante, que se multiplica em aspectos menores” e “perde em unidade” (1967).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

forma de representar as distâncias sociais, ora insere o discurso indireto livre, onde o narrador se aproxima efetivamente do fluxo de pensamento da personagem de acordo com a informação a ser transmitida, vale-se da forma de narrar para reforçar o discurso do autoritarismo ou do contrato social, conforme a teoria de Franco Moretti apresentada em “O século sério” (2003, p. 29). Tanto ensina, transmite uma mensagem ética explícita – e assim, demonstra a “superioridade do narrador sobre a personagem” – como, no discurso indireto livre, abre mão desta superioridade para se igualar à personagem e passar uma mensagem quase subliminar. Durante o interrogatório, nos porões da ditadura, o tenente Vidigal pergunta a Nando se Francisca teria ido ao Xingu apenas para catequizá-lo, causando-lhe grande perturbação, que Nando tenta, à custa de muito esforço, disfarçar: “pensando rápido, enquanto o datilógrafo batia a última pergunta do tenente, Nando se disse a si mesmo que era natural que o nome de Francisca fosse mencionado ali. Mas estaria ela presa? Não, não devia perguntar” (CALLADO, 1984, p. 456). Segundo Moretti, “A racionalização das relações sociais exige o nivelamento, a impessoalidade e a abstração”. Há um compromisso firmado através da técnica narrativa no sentido de capturar uma parcela da realidade. Nando está vivendo uma situação de tensão procedente da sua condição incerta, nesta medida “o discurso indireto livre é a técnica ideal para dar forma a esse compromisso: deixa um espaço livre à voz individual, mas ao mesmo tempo mistura e subordina a expressão individual ao tom abstrato e suprapessoal do narrador” (MORETTI, 2003, p. 26-29). Valendo-se desse recurso retórico, Callado reforça em seu texto o poder de expressar e causar a reflexão sobre aquele momento brasileiro.

Estudar a forma literária é pesquisar as maneiras como os seres humanos vivenciaram e representaram o seu tempo e a sua experiência social. No momento em que se apropria da realidade, ela ordena o universo entre o real e o imaginário, tornando-se o princípio capaz de mediar o entendimento sobre a matéria social que a constitui. *Quarup* trabalha com várias teorizações sobre o Brasil e propõe uma reflexão baseada nas diversas matrizes ideológicas presentes no romance. A alegoria que se apresenta é a de um país que procurou construir uma

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

nação ao mesmo tempo dinâmica e moderna, mas com espaço para homens livres que pudessem se expressar e realizar a sua cidadania. Este ideal só teria sentido se viabilizasse a dignificação de valores e mandamentos morais verdadeiros. Porém, o modelo para este novo país e para este homem novo era buscado no passado, no que se considerava uma cultura popular autêntica. Pensava-se possível estruturar o futuro na “justaposição de elementos próprios do Brasil-colônia e do Brasil burguês” (SCHWARZ, 1987, p. 12). Vivia-se, afinal, uma cultura dividida entre suas raízes no interior, tradicional, rural e patriarcal, e sua outra faceta moderna, urbana e burguesa. Esta é a transcrição de uma lógica específica do processo brasileiro, o movimento binário que Paulo Arantes chama de dialético e que traduz o que a realidade articula no caso da configuração da dualidade nacional: ao mesmo tempo um anseio pela modernização e a independência do capital estrangeiro, ligada ao resgate dos mitos e do sentimento de nacionalidade. É a busca pela alma genuína, autêntica, que seria proveniente das lendas e da cultura indígena. Em *Quarup*, o Brasil é transposto para o romance como a união entre o arcaico e o moderno. Esta é a forma que dá unidade e organiza a transposição estética. De acordo com Paulo Arantes essa dualidade está ligada à formação colonialista/capitalista, que delinea o passado e se reflete na conduta atual deste País. É uma característica presente na base da formação do Brasil e o fator determinante da linha de pensamento que conduz a mentalidade social brasileira desde o século XVIII, estando presente na literatura desde o Arcadismo (ARANTES, 1992, p. 44-45). No livro de Callado temos um debate dessa ordem, o mundo civilizado sendo repensado através da experiência do mundo primitivo e buscando ali o seu recomeço, numa representação do nosso intento de nos enraizarmos em um passado social coerente e estável e nosso ávido desejo por crescimento. Na forma da expressão literária empenhada temos a narrativa oferecendo a dimensão histórica e formativa e assumindo a consciência política da sociedade.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, 18. ed. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, 5. ed. Vários tradutores. gSão Paulo. Perspectiva, 2004.

BENJAMIN, Walter. O Narrador – Considerações Sobre a Obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, arte e Política*, 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CALLADO, Antonio. *Quarup*, 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CALLADO, Antonio. *Tempo de Arraes: a revolução sem violência*, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CANDIDO, Antonio. “De cortiço a cortiço”. In: *O discurso e a cidade*, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. In: *Literatura e sociedade*, 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz/ Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento e A nova narrativa. In: *A educação pela noite*, 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 5. ed. v. 1. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

CANDIDO, Antonio. Uma tentativa de renovação. In: *Brigada ligeira*, 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

COSTA, Édison José da. *Quarup: tronco e narrativa*. Curitiba: Scientia et Labor, 1988.

EISENSTEIN, Sergei. O princípio cinematográfico e o ideograma. In: CAMPOS, Haroldo de (org.). *Ideograma: lógica, poesia, linguagem*, 3. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO ESPECIAL
ISSN: 2176-5782

- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORETTI, Franco. O século sério: o romance europeu do oitocentos. In: *Novos estudos cebrap*. São Paulo: CEBRAP. n° 65, p.3-33, mar. 2003.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [s/d].
- PROPP, Vladimir I, *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: *Que horas são*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964–1969. In: *O Pai de família e outros estudos*, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 61-92.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: *Cultura brasileira: tradição/ contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. O movimento literário. *Revista Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 213-228, set. 1967.